Movimento profético e idolatria: A dura crítica de Jeremias ao poder idolátrico

*Junior Vasconcelos Amaral*¹

RESUMO

O movimento profético buscou defender ordem da Lei estabelecida por Deus no Sinai. Todo movimento profético é um retorno à Torá, e uma releitura da mesma. A ética, segundo a profecia, é expressão significativa da relação teológica. Deus chama o ser humano a agir bem, visando o direito e a justiça para todos. Neste sentido, o presente trabalho procura interpretar na literatura profética, em especial alguns trechos de Jr 7 a 10, a condenação da prática da idolatria. A idolatria é corrupção e desvio de conduta. Assim, o profeta procura propugnar uma crítica que busca minar a situação de pecado, gerada pela idolatria. Toda idolatria deve ser combatida, pois a aliança com Deus não permite desvio de vida e fé.

PALAVRAS-CHAVE: profecia, idolatria, Jeremias, condenação

ABSTRACT

The prophetic movement has sought to defend order of the Law established by God in Sinai. All prophetic movement is a return to Torah and a re-reading of it. The ethics, according to the prophecy, is a significant expression of the theological relation. God calls human beings to act well, aiming for right and justice for all. In this direction, the present article intends to interpret in prophetic literature, especially some passages of 7 to 10 Jr, the condemnation for idolatry. Idolatry is conduct corruption and deviation. Thus, the prophet seeks to advocate a critique that aims to undermine the situation of sin, generated by idolatry. All idolatry must be combated, for the alliance with God does not allow deviation of life and faith.

KEYWORDS: prophecy; idolatry; Jeremiah; condemnation

Introdução

O presente trabalho pretende reler a tradição profética, a partir da crítica realizada à idolatria, o pecado grave, segundo a Lei de Deus. A tradição de Israel se colocava contra toda a forma de relativizar a figura e o poder de IHWYH. A idolatria, por sua vez, visa a destruir o poderio do Senhor sustentando a ideia da

¹ Doutorando em Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e professor de Sagradas Escrituras na Faculdade Católica de Uberlândia e no Instituto de Teologia São José, da Arquidiocese de Uberaba - MG. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

Amaral, J.V.

egolatria, o homem como fim de todas as coisas. Neste sentido, a pregação dos profetas, em especial de Jeremias, condenará esta forma de pecado, salientando o poder de IHHW, que pretende resignificar as relações interpessoais. A fé não está alienada à vida. A teologia e a ética são instâncias que caminham unidas, desejando a plena realização do ser humano, ser criado à imagem e semelhança de Deus.

1 Características da tradição profética

De acordo com Epsztein (cf. 1990, p. 111), o profetismo é fenômeno universal que, na Antigüidade, foi especialmente difundido através do Oriente Médio. O profetismo, como manifestação religiosa, tem conexão política e social. As cartas de Mari atestam a presença de profetas na alta Mesopotâmia durante o reinado de Zimrilim (1730-1697). Em Israel, segundo Nardoni (1997, p. 109), o profetismo ocorre ao final do período pré-monárquico. Manifestam-se grupos proféticos e profetas itinerantes que, ligados aos lugares de culto, se tornam arautos do Javismo contra o baalismo. Tal movimento tem um papel importante no estabelecimento da verdadeira monarquia – na qual se deve imperar a justiça *sedaqah*, o direito *mishpat* e a misericórdia *hesed* de Deus. Os profetas foram paladinos agudos da realidade pessoal de Deus e de suas exigências ético-sociais na vida humana. Souberam conectar fé e vida. Numa linguagem teológica patrística, tais homens compreenderam como nunca que a *lex credende* conduz à *lex agende* e que a vida só ganha sentido com a *lex orandi* que implica em vida justa e fraterna, pois é fruto da íntima relação com *Iahweh*, o Deus Libertador.

Os primeiros profetas proclamam a onipotência de *Iahweh* e postulam as exigências culturais e éticas. Os sucessores insistem especialmente no fato da verdadeira aliança *emet* com *Iahweh*, que deve traduzir-se em atos. Para Epsztein (1990, p.112-113), o culto de *Iahweh* que não for acompanhado de conduta íntegra torna-se blasfêmia, induzindo os fiéis ao erro. A partir do século VIII, diante da

crise generalizada, novos profetas, chefiados por Amós, de Técuá, movidos por um ideal elevado, profundamente chocados pelos abusos que se multiplicavam, pela degradação social que se alastrava, dirigem-se ao povo – não se insurgem contra as faltas individuais, mas condenam o sistema – pelo menos os funcionários e privilegiados pelo poder.

1.1 Profetismo e culto

Os profetas simbolizam, na vida de Israel, a rejeição máxima do culto oficial (cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 38). Em lugar de culto eles reclamam outra exigência positiva de Deus: “buscai a mim, não busqueis Betel” (Am 5,4)²; são exigências de fraternidade, justiça, obediência, conhecimento de Deus, fé. O sacerdócio também é criticado. É insuportável a discrepância existente entre lábios e mãos, vidas destituídas de conteúdos éticos. A exigência do profeta gira em torno da exclusividade a *Iahweh*. O fiel deve servir a Deus, de tal modo que, somente ele deve ser levado em consideração. Os profetas não denunciam o culto em si mesmo, mas determinados cultos que se precipitaram no vazio e que esqueceram Deus.

Oséias, como Amós (5,21), critica o culto. Lança seu brado visando às verdadeiras virtudes da aliança. Assim diz: “Quero misericórdia (*hesed*) e não sacrifícios, conhecimento (*da'at*) de Deus, não holocaustos” (6,6). Amós concentra sua atenção à injustiça social como uma conduta incompatível com o verdadeiro culto. Oséias, por sua vez, aponta as disposições necessárias para que haja um culto agradável a Deus. São disposições que emanam da profundidade do ser humano em respeito a Deus e ao próximo, que comprometem toda a existência.

Segundo Miquéias, o que Deus pede ao homem não são “holocaustos, milhares de carneiros, miríades de torrentes de óleo”, mas que “praticuem o direito”, “amem a piedade” e “caminhem humildemente” com seu Deus (6,6-8).

² As citações bíblicas no decorrer do artigo são extraídas da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2000.

Miquéias, como Amós, se interessa pela sorte dos pobres, dos “oprimidos”, condena aqueles que oprimem e “tramam o mal”, que “cobiçam os campos e roubam” (2,1-2).

Isaías contesta o culto desconectado da prática da justiça social (1,10-17). Dirigindo-se aos chefes políticos e religiosos (*governantes de Sodoma*) e ao povo de Jerusalém (*povo de Gomorra*), Isaías profere um oráculo de repúdio por um culto vazio, que não gera a vida. O Dt-Is proferirá o vazio dos ídolos. Para ele, tais ídolos são como um nada frente à *Iahweh*, bem como aqueles que os fabricam (44,9-20).

Jeremias, herdeiro da tradição profética, acusa Jerusalém de ter abandonado a *Iahweh*, ter mudado de deus e, com isso, ter deixado o “caminho do Senhor, a justiça (*mishpat*) de seu Deus” (5,4-5), para seguir o caminho oposto, a maldade (cf. EPSZTEIN, 1990, p. 119).

Jeremias levantar-se-á contra todos aqueles que constroem com suas mãos as estátuas dos ídolos, que são responsáveis pela propagação da idolatria (10,1-25). Condena o culto em sua falta de obediência à vontade de *Iahweh* (7,21-23), o profeta, com efeito, proclama frente à porta do templo que a sobrevivência do santuário e da cidade depende que “os cidadãos pratiquem a justiça (*mishpat*) mutuamente, não oprimam ao estrangeiro residente, ao órfão e a viúva, e não derramem sangue inocente [...]” (7,5-6). Jeremias é arauto da fina mensagem ao rei, chamando-o a praticar a justiça e a equidade (*mishpat usedaqa*) segundo a ordem estabelecida por *Iahweh* (22,3,16-17). Para Jeremias, os holocaustos não agradam a Deus e os sacrifícios não lhes são agradáveis; ele não necessita do “incenso que vem de Seba e da planta aromática de países longínquos (6,20)”. (cf. EPSZTEIN, 1990, p. 120).

Contra a corrupção do culto e as violações da ética social se levanta também o profeta Ezequiel. Ele deixou de usar o contraste dialético entre culto e moral (Am 5,21-24; Os 6,6; Jr 7,21-23; Is 58, 1-12). Ao invés da distinção, Ezequiel combinou as exigências do culto com as da ética social, como se fez na Lei de Santidade (Lv 19,2-18). Em seu pensar, a pessoa justa combina as duas

exigências. Segundo Nardoni (1997, p. 120), a combinação se vê também por contraste na lista de pecados abomináveis que caracterizam os malvados (22,1-12). Nela, o profeta enumera a idolatria, o desprezo pelas coisas sagradas (santuário, sacrifício, templo) e a violação do sábado (22,8) junto com a desonra do pai e da mãe, o maltrato do estrangeiro, a exploração do órfão e da viúva, a calúnia o suborno, a usura, o lucro à custa do próximo (22,6-7.9.12).

Portanto, a verdadeira religião, o verdadeiro culto em Israel consistiria em proceder justa e retamente. Viver segundo o direito e a justiça consistiria em fazer a vontade de *Iahweh*. O verdadeiro culto seria voltar-se para Deus - amando-o de todo coração, com toda a alma e com todo entendimento (Dt 6,4-9) - ouvindo sua palavra que é expressão de vida para todos. Para o profetismo bíblico culto e vida, fé e práxis, ortodoxia e ortopráxis, teologia e ética, são inseparáveis. Uma não se entende sem a outra. Teologia sem vida é vazia. Vida sem culto a *Iahweh* é mero existir, é *hebel*, vento que passa.

Depreende-se, por fim, que o culto teve grande importância na tradição profética. Ele era lugar do encontro com Deus, por antonomásia. Sua finalidade consistia em agradecer a Deus por tudo aquilo que ele, por graça, concedeu aos homens. No entanto, o culto tornou-se desconectado da práxis. A teologia tornou-se estéril sem a ética. Ofereciam-se holocaustos e sacrifícios no interior do templo, enquanto do lado de fora se extorquia o agricultor, adulteravam-se as balanças comerciais, vendia-se o estrangeiro, explorava-se o órfão e a viúva. A pregação profética é brado angustiado daquele que conclama a todos a reverem suas vidas e voltarem para *Iahweh* de todo o coração.

2 Condenação da idolatria: corrupção religiosa e ética em Jr 7,1- 10, 25

O profeta Jeremias atuou em um dos períodos mais conturbados do Médio Oriente antigo, nos últimos decênios do reino do sul, entre os anos 627 e 587 a. C (cf. NARDONI. 1997, p. 119). Para ele, o mais importante é que o homem preste atenção à voz de Deus, abrindo-lhe seu coração. A idolatria cultural, com

suas diversas facetas do culto a Baal, a Moloc, à Rainha do Céu, pareceu preocupá-lo muito mais que aos seus predecessores, em linha semelhante à de Oséias, afirma Sicre (cf. 1990, p. 456).

Nascido em Anatot, próximo de Jerusalém, por volta de 650 a.C., Jeremias recebeu ainda jovem a vocação profética (1,4-10). A partir deste momento, sua vida se dividiria em quatro grandes períodos: os três primeiros coincidem com os reinados de Josias, Joaquim e Sedecias; o quarto período corresponde aos anos que se seguiram à queda de Jerusalém (cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 415).

Seguindo a tradição de Oséias, Jeremias imagina a relação *Iahweh*-Israel em chave matrimonial. O povo, mulher infiel, abandonou a Deus; é por isso que precisa se converter, precisa voltar. A conversão abrange aspectos distintos: cultuais, sociais, mudança de mentalidade e também de atitude. Para Jeremias, se o povo não se converter será castigado. A catástrofe pode ser iminente. Mas a esperança não é esquecida. Ele não é profeta do castigo e da ameaça tão somente, é também profeta da consolação e da esperança (cf. COPPENS. 1963, p. 12).

2.1 Os ídolos e a idolatria na pregação de Jeremias

A seção de Jr 7 -10 pode ser nomeada “discursos no templo”. É evidente que o discurso termina em 7,1; a seguir se acrescentaram textos procedentes de épocas diversas e outros posteriores ao profeta. Jr 7-10 pode ser dividido em três blocos: a) 7,1-8,3; b) 8,4-9,25; c) 10,1-25.

A parte que interessa a este estudo certamente é a terceira, particularmente a perícopes de Jr 10,1-16, na qual, através da boca do profeta, Deus falará contra os ídolos, narrativa esta que se aproxima do Dt-Is 44,9-20. Cordero (cf. 1967, p. 472) subdivide Jr 10 em: inanição dos ídolos (1-5), grandeza de *Iahweh* e nulidade dos ídolos (6-16), ruína do povo, objeto de dor para o profeta (17-22) e humilde submissão aos desígnios divinos (23-25). Segundo ele, este capítulo é bastante heterogêneo por seu conteúdo. Primeiro se

dão alguns conselhos aos desterrados, a fim de que não se deixem levar pelo culto dos ídolos, que são nada. Pois só *Iahweh* é grande e poderoso. Depois aparece um fragmento anunciando o desterro, com uma lamentação sobre a iminente ruína do povo, prevista pelo profeta. Finalmente, se insere uma oração a *Iahweh* para que modere seu rigor para com o povo pecador e desconte sua ira sobre as nações pagãs que afligiram a Israel.

De acordo com Schökel e Diaz, (cf. 1988, p. 485) se coloca esta composição de Jr 10 depois da primeira ou segunda deportação entende-a como um aviso de despedida, que permitirá aos exilados salvar o mais importante: a sua fé ou adesão exclusiva em *Iahweh*. A vitória do imperador babilônio parecia demonstrar a superioridade dos seus deuses; faltando o culto a *Iahweh* em terra estrangeira, o povo podia sentir-se atraído pelo esplendor das cerimônias religiosas de seus novos senhores. Também o profeta Isaías preocupar-se-á com o tema (44, 9-20), e em outra diáspora surgirão relatos burlescos de Daniel (Dn 14) e a chamada Carta de Jeremias, inspirada em Jr 10.

O profeta Jeremias se dirige enfaticamente à casa de Israel. Sua preocupação se estende a todos os israelitas, que estão em perigo de ser fascinados por pomposos cultos idolátricos. Suplica ao povo que não se acostume ao modo de viver dos gentios. Estes têm medo dos sinais do céu. “Não tenhais medo de sinais do céu, mesmo que os gentios respeitem tais coisas”. O profeta diz que “os costumes dos povos são vaidade, apenas madeira cortada da floresta, obra da mão de uma artista com o cinzel” (Jr 10,3). Embora exorte aos exilados a se instalarem na Babilônia com realismo (Jr 29,1-23), o profeta Jeremias os adverte contra a assimilação religiosa.

Concretamente, em Babilônia as grandes procissões e ostentosos ritos externos eram ocasião de admiração e atração para as gentes de uma mentalidade simples que se deixavam fascinar por aparências. Sobretudo, Jeremias os previne contra os cultos astrais e superstições astrológicas, que estavam muito em voga na Mesopotâmia (cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 473). O profeta os previne contra os *caminhos das gentes*, suas crenças e conduta,

totalmente alheias à tradição de Israel. O profeta declara que *Iahweh* está acima de todo o curso dos astros. Os astros, pois, não têm nenhuma virtude especial benéfica ou maléfica em si mesmos, senão que só a *Iahweh* é que se tem que temer e suplicar³.

Para Jeremias, as crenças dos pagãos não têm consistência: os estatutos dos povos são vaidades (v.3). Aqui estatuto é sinônimo de doutrina (v. 8) e caminhos (v. 2). Para tanto, não devem preocupar aos israelitas, que têm outros estatutos ou crenças mais sólidas, pois sabem que *Iahweh* é onipotente. Para o profeta, o estatuto religioso de Israel e o caminho a seguir certamente conduzem a uma vida ética. A verdadeira religião, o monoteísmo estrito pregado pelo profetismo, consistiria em fazer a vontade de *Iahweh*: praticar a justiça, o direito e a misericórdia. Se esta fé se tornasse vazia ou idolátrica a ética não teria sentido.

Em Is 44,12 encontra-se uma apreciação irônica semelhante. Em Bar 6,7, a “carta de Jeremias” se expressa no mesmo sentido. É um gênero literário apologético que se havia generalizado.

Os sábios das nações idolátricas, que ensinam o culto aos ídolos sem consistência, não são nada em comparação a *Iahweh* e suas leis. Ensinam doutrinas vãs, quer dizer, pregam a adoração de ídolos vãos, que não são mais que madeira. São prata de Tarsis e Ouro de Ofir. O v. 10a parece responder aos que criam nos sinais celestes (v.2), pois diz: “*Iahweh* é verdadeiro Deus, o Deus vivo e Rei eterno”. *Iahweh* recebe neste versículo três titulações: verdadeiro diante da falsidade, vivo defronte à impotência, rei eterno diante da obra recente. Em imagem antropomórfica, Deus exprime sua cólera, e a terra treme de pavor; é a sua participação na teofania (Jz 5,4; Is 13,13; Sl 18,8).

O v. 14 diz: “o homem com seu saber se embrutece, o ourives com o seu ídolo malogra”. O saber embrutece o homem quando ele emprega em um trabalho tal como a fabricação de ídolos, pois rebaixa e se submete a uma fabricação sua. Neste nível, o ser humano, pela profecia, começa a servir os ídolos, desviando do caminho perfeito de *Iahweh*. O caminho de *Iahweh* conduz a

³ Cf Dt 4,19; Is 47, 12-13.

vida. Em contraposição, o caminho dos ídolos leva a morte. O ídolo desacredita o ourives, pois, em lugar de provar a sua habilidade, denuncia a sua insensatez. É trabalho sem resultado, como em Sb 15,7-13, no qual o autor ataca os fabricantes de ídolos e coloca em cena um oleiro modelador de estatuetas, como tantos que havia no mundo helenístico.

No v. 16 Jeremias diz: “Não é assim a porção de Jacó, porque é ele que criou tudo: Israel é a tribo de sua propriedade e o seu nome é Senhor dos exércitos”. Porção e propriedade são correlativas neste versículo, como expressão da aliança. Deus escolheu a Israel como herança e propriedade pessoal (Ex 19,5); Israel, por sua vez, escolheu a Deus excluindo outros deuses. Sobre esta fórmula pode-se constatar em Lm 3,24; Sl 16,5; 73,26 (cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 484).

Em Is 44,9-10, na sátira contra os ídolos, se diz: “os que modelam ídolos nada são, as suas obras preciosas não lhes trazem nenhum proveito!” Elas são as suas testemunhas, elas que nada vêem e nada sabem, para a sua própria vergonha. Quem fabrica um deus e funde um ídolo que nada lhe pode valer? O profeta, em litígio com os ídolos e os idólatras, insinua que a atividade do artesão procura lucro, ela é interessada. Sb 13-15 faz uma análise destes objetos. Neste ponto se recorda da fórmula do Ex 32,1: “faze-nos um deus que vá a nossa frente”.

Jr 10, 17-22 anuncia a ruína do povo, motivo de sua dor. Jeremias convida os habitantes de Jerusalém a prepararem-se para ir ao desterro babilônico: “recolhe da terra a tua bagagem, tu que te encontras sitiada”. O profeta sente vivamente a tragédia de seu povo: “Ai de mim por causa de minha ferida” (v.19a). De 23 a 25, considerado adição posterior, o profeta conclama à humilde submissão aos desígnios divinos. “Corrige-me, *Iahweh*, mas em justa medida, não em tua ira, para que não me tornes pequeno demais” (v. 24).

Por fim, pode-se dizer que a idolatria não conduz o ser humano ao caminho de *Iahweh*. Pois quando se relativiza *Iahweh*, o Absoluto, tudo se torna relativo: o direito, a justiça e a misericórdia. Quando o ídolo ocupa o verdadeiro

lugar reservado a Deus, toda vontade de Deus está condenada à bancarrota, juntamente com o amor a Ele.

3 Pregação profética: conexão de teologia e ética

A pregação profética, como todo movimento profético, visa a restabelecer a conexão entre teologia e ética. Ambas não são instâncias separadas, mas se imbricam uma a outra. A teologia e a religião só encontram sentidos quando inseridas na realidade ética, na “casa” chamada mundo. A autêntica teologia não pode prescindir da ética, pois se tornaria um discurso metafisicamente vazio.

Na profecia bíblica, a teologia, como discurso proveniente da relação das pessoas com Deus, encontra sentido nas relações interpessoais. É no nível da práxis que a teologia, a fé e a religião encontram suas amarras. A ética conduz a religião ao verdadeiro sentido: *re-ligar* o homem à realidade protológica, a qual ele foi criado. O homem que vive retamente traça o caminho desejado por Deus.

A ética é constituída, na pregação profética, a partir da íntima relação dos homens com Deus. Desde esta relação, que consiste num verdadeiro conhecimento de Deus, os homens são exortados a agirem conforme a vontade de Deus, na história de suas vidas. O agir ético significa relação com Deus, resposta ao apelo divino. A vida daquele que pertence a Deus é um lume que ilumina a humanidade desfalecida e apática. A relação com Deus é condição de possibilidade para o ser humano se desinstalar de seu comodismo narcísico, levando-o ao encontro de *outrous*, principalmente daqueles que estão sob o julgo do poder desmedido e esquizofrênico.

Considerações finais

Ao refazer a conjunção teologia-ética, a profecia quer respaldar o ser humano inserido no mundo de injustiças. Ao tocar no pecado da idolatria ele

remonta à origem da injustiça, ou seja, ao fato de o homem colocar no lugar de Deus a prática de suas próprias mãos. Deus deveria sempre estar acima de tudo, ele é absoluto relacional. Não pode ser reduzido a objeto, mas tem o seu lugar na vida humana: ele é Senhor da História.

O movimento profético, com seus arautos importantes, os profetas, deseja consolidar no coração do ser humano a fé genuína, aquela que é fruto da relação com Deus criador e salvador. Deus deseja que o ser humano seja feliz e realize o bem, seja salvo e construa o Reinado de Paz, justiça, de direitos para todos. Contudo, a idolatria põe em xeque esta construção. Portanto, toda idolatria deve ser abominada da vida do homem de fé, daquele que procura a Deus de coração sincero.

Desde a pregação profética até o advento de Jesus Cristo, que refaz a aliança (*berit*) homem - Deus, sempre foi reconectar vida e fé, teologia e práxis, ortodoxia e ortopráxis. O desejo de Cristo é que o homem, a partir de sua relação com Deus, descubra o verdadeiro sentido do outro, do rosto do outro, o lugar mesmo de Deus no mundo. A religação de fé e vida garantirá a toda humanidade um bem estar salutar, a fim de continuar a construir o Reinado de Deus, até que este Reino chegue à sua plenitude no *eschaton* (fim).

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

COPPENS, J. La nouvelle aliance en Jér 31,31-34. Paris: CBQ 25, 1963.

CORDERO, M.G. *Bíblia comentada*. Libros proféticos. 2. ed. Madrid: BAC, 1967. v. III.

EPSZTEIN, L. *A justiça social no Antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.

Amaral, J.V.

NARDONI, E. Justicia, monarquía y profetismo. In. NARDONI, E. *Los que buscam la justicia*. Um estudo de la justicia en el mundo bíblico. Navana: Verbo Divino, 1997.

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Profetas I*. Isaías e Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1988.

SICRE, J. L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

Artigo recebido em 26.11.2013

Artigo aprovado em 19.03.2014